

# jornal da tarde

Publicado pela S A O ESTADO DE S.PAULO  
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 – 856-2122 (PABX) – CEP 02598  
 São Paulo – SP – Caixa Postal 8005 – CEP 01051 SP – E. Telegráfico ESTADO  
 Telex 011.23511 – Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA  
 (1891 - 1927)

JÚLIO MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
 (1927 - 1969)

**Diretor Responsável**  
 RUY MESQUITA  
**Diretores**  
 Júlio de Mesquita Neto  
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
 Ruy Mesquita  
 César Tacito Lopes Costa  
 José M. Hornem de Montes  
 Oliveira S. Ferreira

**Diretor de Unidade**  
 Ruy Mesquita Filho  
**Diretor de Redação**  
 Fernao L. Mesquita  
**Editor Chefe**  
 Celso Kinjô

**Diretor Superintendente**  
 Francisco Mesquita Neto  
**Diretor Comercial**  
 Orlando Marques  
**Diretor Agência Estado**  
 Rodrigo L. Mesquita

## A cooperação necessária

*(Com Brasil)*  
 A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, nega que, como chegou a ser noticiado, esteja "desencantada" ou "amargurada" com a inflação. Na verdade, acusados seguidamente pelo governo — "sabotadores" do plano econômico, "gananciosos" que só se preocupam em manter margens de lucros exorbitantes, "impatriotas", "retrógrados" e "ineficientes" —, desencantados e amargurados estão os empresários com os quais a equipe econômica, em boa hora, ainda que com muito atraso, decidiu dialogar.

Foram justamente os empresários e suas empresas, junto com os trabalhadores e as donas de casa, que pagaram o preço mais alto para que o governo pudesse disparar aquele que deveria ser o único, porém certeiro, tiro contra a inflação.

Apesar de todo o sacrifício imposto aos brasileiros desde então, o governo errou o alvo e a inflação continua mais forte do que nunca desde que Collor lançou o seu plano.

O governo confessa-se desconcertado com a onda de aumentos. Alguns produtos de alimentação, higiene e limpeza subiram mais de 25% em 20 dias. Neste mês, o frango e o óleo de soja subiram cerca de 30%. A discussão de preços entre o comércio e a indústria, que poderia produzir resultados que freassem o impeto inflacionário, foi abandonada: o varejo, como constatou o Ministério da Economia, decidiu repassar todos os reajustes ao consumidor. Não surpreende, nesse quadro, que já se projete uma inflação de 25% para fevereiro, contra os cerca de 19% esperados para este mês, uma aceleração que, como disse o especialista em índices de preços Gil Pace, não se vê há muitos anos.

E a guerra do Golfo não pode ser responsabilizada por isso. Os especialistas atribuem a aceleração aos erros do próprio governo. Ao anunciar o aprofundamento da recessão no início deste ano, o governo induziu o comércio a cortar suas enco-

mendas à indústria, que teve de arcar com o custo de manutenção de altos estoques. Quando as vendas reagiram no final do ano passado, o comércio teve de pagar à indústria os preços que esta pediu.

Agora a equipe da ministra Zélia aproxima-se do empresariado, acenando com a possibilidade de flexibilizar a política econômica de modo a estimular a produção. Até mesmo com relação às taxas de juros, altas demais como resultado da rigidez da política monetária, o governo admite mudanças, que devem vir no início de fevereiro. Seria o primeiro passo para que as empresas retomassem seus programas de investimentos. O objetivo comum de empresários e governo é elevar a produção e, para isso, além da redução dos juros, estudam-se medidas como a diminuição de impostos e a criação de estímulos às exportações. A equipe econômica descobriu que para melhorar a competitividade do setor produtivo brasileiro não é preciso fustigá-lo. É preciso, isto sim, estimulá-lo a investir e a buscar mais produtividade.

Essa nova postura se revela num momento em que a indústria paulista confirma que o desemprego atinge o maior nível dos últimos dez anos. Nas duas primeiras semanas do ano, 33.798 trabalhadores foram demitidos.

É louvável, por isso, que a equipe econômica abandone a linguagem belicosa e busque o diálogo. O Estado brasileiro sempre interveio de maneira parasitária na economia, sugando a seiva da iniciativa privada e deixando-a à mingua. Há muito deveria ter mudado seu comportamento, mirando-se em exemplos como o do Japão e o da Coréia do Sul, países em que o desenvolvimento foi a resultante da estreita cooperação entre as empresas particulares e o Estado. Nesta etapa de dificuldades pelas quais passa o Plano Collor, a cooperação pode ainda marcar o início da recuperação da credibilidade indispensável para o êxito de qualquer plano de estabilização.